



ASSISTÊNCIA SOCIAL

PELO seu trabalho em defesa dos índios brasileiros e nela sua dedicara. indigenista, os irmãos Villas Boas recebe-rão o prêmio "Personalidades Globais 73" em Assistência Social, apontados por um júri nacional integrado pelos Professores Eugênio Gudin e Antônio Gallotti, pelos Em baixadores Walter Moreira Sales e Pascoal Carlos Magno, pela incentivadora das artes no Brasil, Sra. Yolanda Penteado, pelo líder publicitário Emil Farhat, pelo líder dos ex-

portadores, Giulite Coutinho, pelo diretorgeral da Rede Globo de Televisão, Walter Clark, e pelo presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho.

O objetivo do prêmio criado pelo O GLO-BO e pela Rede Globo de Televisão é apontar ao reconhecimento e admiração públicos os nomes daqueles que, em dez atividades, deram contribuição notável ao País. As outras atividades e premiados são: nas Ciên-

cias, o Almirante Paulo Moreira da Silva; na Música, Marlos Nobre; na Economia, o Ministro Delfim Neto; na Educação, Mário Henrique Simonsen; no Esporte, Emerson-Fittipaldi; nas Artes Plásticas, Francisco Stockinger; no Empresariado, Augusto Trajano de Azevedo Antunes; na Literatura, o editor José Olímpio; e na Propaganda, Mau-

A entrega dos prêmios será feita em data a ser anunciada nos próximos dias.

Villas Boas, os mensageiros da paz

S TRABALHADORES avançaram sobre a cabana abandonada, encheram de braços de mandicca, recolheram cabaças de mel — o "Benjuim", melhor mel silvestre. Em melo ao saque, feito com algazarra, surgiu um moço franzino, até então de pouca fala, e gritcu mandando que deixassem tudo onde estava. Era Claudio Villas Beas, que tinha a seu lado os irmãos, Orlando e Leonardo. Além de impedir o roubo da comida, fez uma rápida e enérgica pregação sobre "o direito dos índios", inspirada em leituras de Cándido Rondon. Os rudes trabalhadores, que obedeceram às suas ordens, pela primeira que obedeceram às suas ordens, pels primeira vez ouviam alguém defender os indios naque-les sertoss onde a ordem comum era "matar a bugrada". O episódio accnteceu em 1945, num local

O episódio aconteceu em 1945, num local de que ninguém se lembra ao certo, ao longo de uma picada aberta por 200 quilômetros que ligou a região do rio das Mortes ao rio Kuruene, na Expedição Roncador-Xingu, criada por Getúlio Vargas. Naquele lugar a frente da expedição era comandada por três jovens paulistas, os irmãos Villas Boas. A defesa dos indios, num momento em que a expedição sofria a falta de mantimentos, foi o primeiro fato que concorreu para dar aos irmãos sertanistas a legenda de "defensores dos indios" como são conhecidos no Brasil e no exterior. No decora iegenda de "detensores dos indios" como sao conhecidos no Brasil e no exterior. No decorrer dos trabalhos na picada, os Villas Boas demitiram "Raimundão", capataz de turma que se vangloriava de ser o "maior matador de indios do Brasil" (numa ocasião, com a ajuda de 100 homens armados de rifles, ele chacinou toda uma aldeia Xavante). Ainda em 1945, já no fim da caminhada, no Rio Kuluene, conheceram os Kalapalo, tribo na-quela época semicontatada. Os indios aceitaram quela época semicontatada. Os indios aceitat an o grupo de civilizados e, além dos presentes, ganharam uma epidemia de gripe que acabou com a metade da tribo. Os Villas Boas solicitaram ajuda à Fundação Brasil Central e receberam como resposta um curto radiograma — "Se aqui no Rio morre gente por faita de recursos, como poderemos atender a esses índios"?

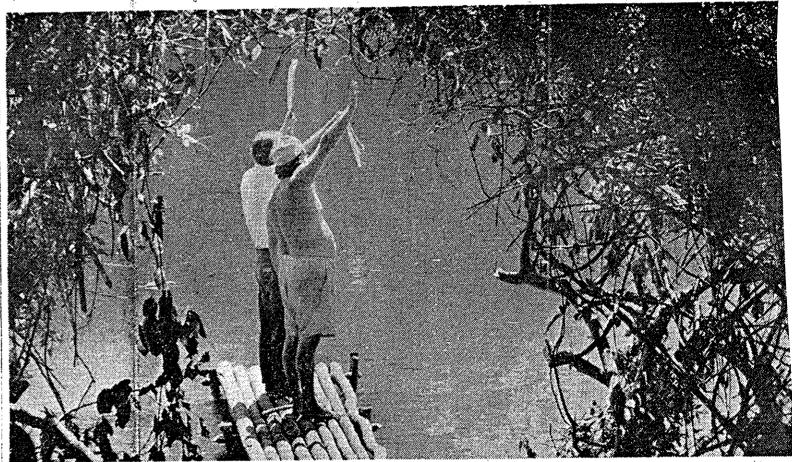
Os Villas Boas não puderam explicar por rásilo seva gripa tipha sido levada pelos "civiliza-

Os Villas Boas não puderam explicar por radio que a gripe tinha sido levada pelos "civilizados invasores", nem que os índios nunca antes tinham tido gripe e que eram apenas vítimas. A responsabilidade cabia aos civilizados.
Os três moços paulistas, no meio do mato, comandando um grupo de rudes trabalhadores, não tinham meios para convencer os gabinetes do Rio de Janeiro. Eles mesmos compraram remédios com os seus pequenos salários. Nesta mes-

do Rio de Janeiro. Eles mesmos compraram remedios com os seus pequenos salários. Nesta mesma ocasião apareceu por lá um repórter e, comovido com o esforço dos Villas Boas, foi portavoz de um pedido de ajuda feito ao povo. Candido Rondon soube do empenho dos jovens e nomeou-os delegados do Servico de Proteção ao Indido. O título não dava direito a salário, mas conferia uma vaga autoridade. Foi o suficente para os Villas Boas iniciarem o longo trabalho em favor dos índios.

para os Villas Boas iniciarem o longo trabalho em favor dos índios.

Em 1948 fundavam o Posto Xingu, onde os indios de toda a região iam buscar ajuda ou remédicos com os Villas Boas. Funcionou como posto indigena até 1954, quando foi fundado o Posto Capitão Vasconcelos, para o ex-SPI e, a partir de então, eles passaram a se dedicar exclusivamente aos indios. Neste início de ano completaram três décadas como sertanistas.



Na margem do rio Peixoto de Azevedo, Cláudio e Orlando acenam para os Krain-a-Kore, última conquista de sua missão de pax

Em 43, às margens do Araguaia

As histórias contadas pelos pais, Agnello e Arlinda Villas Boas, falecidos em 1941, falavam de chacinas praticadas por um tal de Sanches, conhecido caçador de índios, na região de Candido Mota, em São Paulo. Dona Arlinda contava aos filhos que Sanches costumava matar crianças indias a pauladas. Houve época em que os poucos Oti-Kavante e Kaincang procuravam socorro tes que nascessem Claudio e Leonardo, quando Oriando era ainda garoto. Foram as primeiras informações que os Villas Boas tiveram sobre in-

Cresceram com a proteção de um pai advogado (naquele tempo advogado provisionado), profundo conhecedor de legislação sobre terras, dono de algumas fazendas, atacadista e exportador de café, em Santos. Aproveitaram algum tempo da "época áurea do café". Até 1935, quan-do Agnello Villas Boas, doente, se mudou para São Paulo, então com nove dos seus onze filhos, Findos os anos de fartura, a familia foi morar numa pensão no centro de São Paulo (os médicos recomendavam muito barulho e agitação para curar a hemiplegia de Agnello). Orlando foi trabalhar na Standard Oil of Brazil (a Esso); Claúdio, na Telefonica Brasileira; e Leonardo, na Nestlé. Como aconteceu sempre, desde criança,

Cláudio lia muito: tudo de Amilcar Monteiro, Hermano Ribeiro da Silva (obras sobre o rio Araguaia). Visconde de Taunay ("Bandeiras") e Olavo Bilac (Claudio sabe de cor "O Caçador de Esmeraldas"). Ele lia e contava para Orlando e Leonardo, empolgava os dois e acabavam os tres tendo sobre os sertões. No quarto de pensão. "viviam" as aventuras do Brasil central, E so-

Em 1941 morre primeiro Agnello; depois Dona Arlinda. Os Villas Boas ficam orfãos, a casa da família é desfeita, e Alvaro, hoje tam-bém na Funai, vai morar com uma irmã. Os três mais velhos — Orlando, Claúdio e Leonardo — continuam trabalhando. Em 1943 rendem-se aos sonhos e resolvem ir para o rio Araguaia "atrás

de diamantes, ouro e aventuras".

Em outubro de 1943 Cláudio e Leonardo chegaram a Aruana, em Goiás, ás margens do sonhado rio Araguaía. Quinze dias depois chegou Orlando, Tinham abandonado tudo em São Paulo e estavam no Araguala, atraídos pelo que ha-viam lido sobre o rio. Sabiam de garimpo, mas não sabiam como começar. Iniciaram a subida do rio Araguaia até Barra do Garça. Cláudio descre-veu a viagem em carta que enviou à família; era um texto muito parecido com o dos escritores

Na chefia da primeira expedição

Em Barra do Garça encontraram o pessoal da Expedição Roncador-Xingu, a famosa marcha para o Oeste", idealizada por Getúlio Vargas para a criação de um sistema de apoio à planejada rodovia Rio—Manaus. Concentravam-se lá todos os elementos, muitos deles indesejáveis, da guarda pessoal do Presidente Getúlio, chefiados pelo Coronel Flaviano de Matos Vanique, ex-chefe da guarda, gaúcho, que levou consigo todos os gaúchos da guarda. Os Villas Boas chegaram a gauchos da guarda. Os vinas Boas enegaram a Barra do Garça e encontraram os sertanistas lo-cais espantadissimos com o pessoal vestindo bombacha, tomando chimarrão e falando de um jeito diferente. Os gauchos custaram a se adap-tar ao Brasil Central e não se animavam a par-tir para a expedição: ficaram muito tempo em

Barra, à espera de nada.
Os Villas Boas, com pouco dinheiro e enquanto não achavam um garimpo onde pudes-sem começar a aventura, resolveram trabalhar na expedição, como trabalhadores braçais. Não foi dificil para o Coronel Vanique descobrir que aqueles três paulistas não eram do mesmo tipo das centenas de trabalhadores contratados. Contra a vontade deles encarregou-os de trabalho burocrático na expedição: zelar pelo controle de

Um ano depois de terem chegado ao Aragarças os Villa Boas chefiavam uma frente da expedição que partiu do rio das Mortes (chamado Vale dos Sonhos) para o rio Kuluene. Foram 200 quilometros de marcha, acompanhados de perto pelos Xavantes. Por quatro vezes foram atacados e responderam com tiros para o alto. Os Villas Boas tinham que vigiar de perto os trabalhado-res e principalmente o capataz de tropas, "Raimundão", que praticava uma vingança sem fim por um filho morto a flechadas pelos Xavantes. Os Villas Boas, em certo ponto da expedição, ex-pulsaram "Raimundão". Erá uma medida temerá-ria dos três rapazes contra o velho capanga.

Alvaro Villas Boas, o irmão indigenista de São Paulo, conta que os três irmãos nunca demonstraram fraqueza na viagem pela selva.

— Em diversas cartas que nos enviaram, sempre se mostravam entusiasmados. Leonardo resistiu a um reumatismo forte durante a cami-nhada para o río Kuluene e se negou a voltar a Barra do Garça para tratamento. Houve um tempo que o Coronel Vanique queria voltar com a expedição para recomeçá-la a partir de Cuiabá, tantas eram as dificuldades encontradas no ro-teiro do rio das Mortes. Mas Cláudio, Orlando e Leonardo ressistiram. Disseram que o roteiro seria aquele mesmo. Instistiram tanto que o Coronel Vanique acabou concordando. A expe-

Dos Índios Kalapalo até os Krain-a-Kore

contraram os Kalapalo, a primeira tribo comque tiveram um contato maior. Os índios Kalapalo eram conhecidos desde 1887, quando foram identificados por Karl Von Den Stein, geólogo, antropólogo e estudioso do sertão e dos índios brasileiros. Não foi necessário um trabalho de pacificação. contraram os Kalapalo, a primeira tribo com pacificação.

Cláudio conta que quando os indios vivem em comum com diversos outros grupos, como no caso dos Xingu, eles se sentem mais seguros e aparecem aos civilizados. Os Kalapalo apareceram na barranca do rio Kuluene e, quando os Villas Boas gritaram, eles correram, Depois voltaram descontiados, medrosos. Os sertanistas jo-garam-lhes presentes — panelas, canecas, facas. Eles aceitaram. A partir dai os Kalapalos passaram a frequentar o posto, a conviver com os ci-vilizados. Uma epidemia de gripe surgiu entre eles. Em pouco tempo morriam muitos deles, inclusive o cacique Izarari, que mereceu um enterro solene: Foi enterrado com tudo o que tinha, inclusive os presentes recebidos dos civilizados.

Amargurados, os Villas Boas pediram ajuda ex-Fundação Brasil-Central, e receberam como resposta o radiograma negando o auxílio. Com dinheiro do bolso mandaram buscar em São Paulo a recem-descoberta penicilina. Por coincidência apareceu por lá um reporter, de passagem. Foi feito um apelo, e veio mais ajuda, que salvou os Kalapalo. Em carta pessoal, com os dizeres "liberdade, igualdade, fraternidade", legenda dos positivistas, Candido Rondon no-"delegados pelo Serviço de Proteção aos Indios"

Fizeram deste ponto o que seria o primeiro posto do Xingu, depois chamado "Jacaré", entregue à FAB para servir de apoio à rota do Correio Aéreo Nacional. Mas, enquanto os Villas Boas permaneceram lá, o posto era procurado por diversas tribos xinguanas. Os Villas Boas estavam começando no Xingu a grande experiência de situatido.

Primeiras pacificações

Eles não paravam num lugar. Primeiros des-bravadores da região do Xingu, queriam conhe-cê-la o melhor possível. Em 1948 desceram até o rio Ronuro, na junção com o Kuluene, onde começava o grande rio Xingu. Lá praticamente. terminava a expedição Roncador-Xingu. Foi em 1948 que, descendo o rio Xingu, depararam com os índios Jurunas, tribo arredia, sem ne-nhum contato com os civilizados. Na primeira tentativa fracassaram: os indios fugiram ante a

kuluene, onde enimeira tribo com.

Os índios Kala37, quando foram
in Stein, geólogo,
rtão e dos índios
um trabalho de

Orando de civilizados. Num sobrevoo
de avião, feito tempos depois da expedição por
de avião, feito tempos depois de expedição por
de avião, feito tempos de pois de expedição por
de avião, feito tempos de pois de expedição por
de avião, feito tempos de pois de expedição por
de avião, feito tempos de pois de expedição por
de aviação, base da FAB. Na chegada, os
Villas Boas viram lá o primeiros rástros dos
de cachimbor, no Pará, ponto importante de
apoio à aviação, riz de fora. Os índios achavam muito engraçada a maneira de enganar os civilizados. Em 1949 os Jurunas e os Villas Boas fizeram uma amizade que dura até hoje.

> Mas os Txucarramãe, tribo temida pelos indios xinguanos, continuavam em guerra com outras tribos e com todos os civilizados. Os Villas Boas andavam na pista da tribo: nos locais onde os indios haviam passado, deixavam presentes, tentando, de alguma forma, um contato pacífico. Foi um trabalho difícil, que durou muitos anos. Só em 1953 houve o primeiro contato. No come-co, foi uma amizade difícil, que os Txcucarramãe não queriam aceitar. Cláudio e Orlando foram ameacados de morte e tiveram de usar toda a sua experiência para conquistar a confiança da

> No mesmo ano de 1953, os Villas Boas romperam definitivamente com a Fundação Brasil Central, depois de constantes atritos. O então presidente da entidade, Arquimedes Pereira Lima, demitiu-os e mandou que se retirassem da área. Mas, os Villas Boas estavam por demais identificados com as tribos xinguanas: deixaram a base de Jacaré, sob controle da Fundação, e foram fundar outra base no rio.

Acharam um lugar bom, a uma distancia recomendável de Jacaré, e fundaram o "que seria o primeiro posto indígena". Orlando foi ao Rio o primeiro posto indígena". Orlando foi ao Rio de Janeiro e comunicou o fato ao superintendente do SPI, José Maria da Gama Malcher, que passou a dar apoio completo aos irmãos Villas Boas. Por sugestão do próprio Gama Malcher, eles batizaram o posto de "Capitão Vasconcellos", que tinha sido um companheiro do Marechal Rondon e aquele tempo estava muito velho. O trabalho de pacificação continuou em 1959, com os Suía; em 1964, os Txição e, em 1968/69 (e depois em 1972/73), os Krain-a-Kore, conhecidos como "indios gigantes". Cada trabalho de pacificação demora meses, ou anos, de cami-

pacificação demora meses, ou anos, de camide pacificação demora meses, ou anos, de cam-nhadas, picadas, "namoro", troca de presentes à distancia, até o presente dado à mão do próprio indio. Mas, durante todo este tempo, não ficaram apenas em trabalho com os indios. Continuaram

com o desbravamento. Em 1950, Leonardo, Cláudio e Orlando desce-

Villas Boas viram lá o primeiros rástros dos. Krain-a-Kore, que só 23 anos depois Cláudio po-dería ver de perto. Em 1957, Cláudio abriu uma picada de Cachimbo até Cururu. Foram 380 quilometros de picadas no trabalho que ele conside-ra o mais difícil de sua vida. Em certo ponto de caminhada morreu um trabalhador, que foi abandonado pelos outros. No fim, Cláudio caminhou 18 dias pelo mato, carregando uma carga de 30 quilos nas costas, até chegar de volta a Cachimbo.

Em 1960, o então recém eleito Presidente Ja-io Quadros visitou o Posto Capitão Vasconcelos e, entusiasmado com o trabalho dos Villas-Boas, prometeu fazer do Xingu um parque nacional. prometeu fazer do Aingu um parque hacional. Assim que fci empossado, Janio pagou a promessa: foi criado o Parque Nacional do Xingu, em 1961. O parque ficou ligado diretamente à Presidência da República, até 1967, quando passou para a então recemeriada Funal. Em 1961 morreu Leonardo, vítima de uma operação cardiaca, em São Paulo. Orlando e Cláudio continuaram na mesma luta. na mesma luta.

O Parque Nacional do Xingu é considerado por antropólogos de todo o mundo a maior obra realizada em favor dos indios. Lá as tribos vi-vem em seu próprio ambiente, preservando sua cultura (a festa do Quarup è uma das manifes-tações intertribais do Xingu). Vivem là mais de três mil indios. No Xingu, diversas tribos que se haviam dispersado, como resultado da convivência com os civilizados, estão se reencontrando. O melhor exemplo são os Cajabi, aculturados há mais de 80 anos: depois de praticamente destro-cados na sua unidade tribal e nos seus costumes, estão reatando a convivência com elementos da tribo de que estavam afastados e reencontrando

seus costumes e sua cultura. Hoje, 30 anos depois do início de tudo, os Villas Boas ainda têm muito que lutar. A última pacificação foi feita há pouco mais de um mês. As rodovias cortam as antes intocáveis selvas amazonicas, aonde chegam as frentes de traba-lho, com homens despreparados. E' mais uma ameaça aos índios. Orlando e Cláudio apenas descansam um pouco para recomeçar um traba-lho em duas frentes difíceis: defender o índio na selva e dentro dos gabinetes de Brasilia. Mais um trabalho duro para os incansáveis Vil-las Boas, os "defensores de índios".

Cláudio, o filósofo

Cláudio Villas Boas, magro, 58 qui-los, nascido em 8 de dezembro de 1917, em Botucatu, São Paulo, estudou no Ateneu Paulista mas não chegou a terminar o ginasial. Lé Kant, Santo Agostinho, Karl Marx, Bertrand Russel e diversos filósofos, fala sobre o sentido da vida, analisa, discerre so-bre temas filosoficos com a tranquilidade de quem fala sobre indios. Antropólogo e etnólogo. Cláudio tem profundos conhecimentos de lingüística

Ele come e vive como os indios. Não se importa muito com o sabor dos alimentos e sua refeição é feita aos poucos: o jantar pode acabar de madrugada. Guarda seu prato de aluminio com comida embaixo da rede e vai dando gariadas entre cigarros e leitura de algum livro. Fuma muito. Não usa mosquiteiro nem repelentes, mas os mosquitos já não o incomo-dam. Fala aos indios de maneira calma e com voz baixa.

Um índio que tenha feito algo errado acaba procurando-o para conversar e, ao longo da conversa há encontros, às vezes até lágrimas. O índio chama-o paí. Forte, caminha 30 quilómetros por dia sem que isto eltere seu humor. altere seu humor. Carrega peso às costas: nas expedições, transporta sua

própria mochila. Tem pouca roupa. Em expedição usa duas calças e camisas e, quando vai para a cidade, não tira um paletó e camisa branca de colarinho.

É capaz de passar anos sem vir à civilização. Já ficou nove anos sem sair do Xingu e, no mês passado, en-cerrou um periodo de 15 meses nas selvas do Cachimbo. É duro quando desende os indios: expulsa invasores de terras e civilizados que querem abusar deles. Atira muito bem, tem uma coleção de revolveres, mas nunca atirou contra nenhum homem. Tam-bém não gosta de atirar em macacos, porque acha que eles tem gestos "muito humanos".

Cláudio sente-se bem quando está na selva, balançando-se na sua rede, fumando, lendo, pensando. Não é casado, mas educa em São Paulo, o fi-lho de uma india Trumai com indio Cajabi: Tauarru, de sete anos, cha-mado carinhosamente de "Boizinho". Orgulha-se de o menino ser o primei-ro aluno de inglês do Instituto Edu-cacional Luzwell. Cláudio, quando vol-tar do Japão, pretende retornar ao Parque Nacional do Xingu e conti-nuar longe da civilização, de que não gosta. Quer viver sempre ao lado dos indios, como vive há 30 anos.



Cláudio e Orlando, (de chapéu) dedicam-se há 30 anos à proteção dos indígenas

Orlando, o brincalhão

Orlando Villas Boas, gordo, 58 anos, nasceu em 12 de janeiro de 1915, em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo. Estudou no Ateneu Paulista, em Campinas, mas não chegou a terminar o ginasial, em consequência da doença e da morte de seu pai. É o mais extrovertido de todos os Villas Boas, tem centenas de histórias engraçadas que gosta de contar. Tem uma lista de amigos tão longa quanto os quilômetros que percorreu na

Bom gastrônomo, é capaz de fazer a enjoativa comida de uma expedi-ção (arroz e peixe, ou caça) tornarse uma especialidade, graças aos seus conhecimentos adquiridos com indios, caboclos e em restaurantes paulistas. Uma de suas especialidades é a "salada de piranha", feita com piranhas desfiadas e óleo de cozinha. Sabe também fazer um lombo de anta pa-recer o mais fino lombo de porco e prepara "rizoto" de mutum é outros pratos. Gosta de beber o "melhor vi-nho do mundo", que para ele pode ser um vinho gaúcho, "desde que bebido numa expedição e sabendo tra-tar-se da última garraja".

Orlando tem um filho, "Vilinha" (Orlando Villas Boas Júnior), com quase très anos de idade. Casou-se em 1969, com Marina, uma enfermeira do Parque Nacional do Xingu. Vi-

linha talvez venha à bater um recor-de de seu pai, que teve 200 crises de malária: com menos de três anos, já pegou quatro crises, no Parque Nacional do Xingu, onde passa tanto tempo quanto no apartamento de São Paulo. Orlando gosta de ler ficção, não despreza historias em quadrinhos e romances policiais. Sabe de cor um número imenso de "modas de viola" e uma de suas brincadeiras prediletas com os indios é imitar arotescamente com os maios e imitar grotescamente tipos da tribo ou de fora dela. Trata os indios por apelidos, brinca com todos eles e e adorado por todos. Inventa brincadeiras a toda hora e por qualquer motivo. Agora viajou, em companhia de

Claudio, para o Japão, com uma pas-sagem que ganhou de japoneses. Foi sua primeira viagem ao exterior. Não é rico, embora pudesse ter alcançado facilmente essa condição. Mais de uma vez escondeu indícios de rios onde apareceram ouro e diamantes, só para preservar a terra indigena da invasão dos civilizados. Escreveu diversos livros, em companhia de Cláudio, mas sem ganhar muito com isso. Tem apenas um apartamento e uma Variant. Ganha menos de dois mil cruzeiros por mes da Funat e está tentando aposentar-se, para desvin-cular-se das obrigações burocráticas. Quer ficar mais livre para ter mais tempo para cuidar dos indios.